

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MARCOS MANCINI/DIVULGAÇÃO/JC

ACONTECE

A PIADA É EXAGERO



Diogo Portugal traz seu *stand up comedy* ao Teatro da Amrighs para apresentação nesta sexta-feira

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

Nesta sexta-feira, o comediante curitibano Diogo Portugal faz uma única apresentação de seu show *Não me Cobre Coerência* no Teatro da Amrighs (avenida Ipiranga, 5.311), às 20h. Os ingressos estão à venda na plataforma Sympla ao valor único de R\$ 60,00.

Somando 25 anos de uma bem sucedida trajetória pelo *stand up comedy*, o humorista de 53 anos afirma que este espetáculo retrata “um momento importante” de sua carreira, uma vez que aborda, também, a maturidade dele enquanto artista. “Já fiz vários especiais, mas este é um material do qual me orgulho, totalmente inédito, e que traz as reflexões que faço sobre muitas coisas, não somente de um contexto social e político, mas também do meu próprio dia a dia.”

Humorista versátil, que vai do *stand up* até as tradicionais esquetes, encarnando tipos hilários e diferentes, além de criar, interpretar e dirigir seus espetáculos, Portugal atualmente integra o elenco do programa A Praça é

Nossa, no SBT. Também realiza uma série de outros trabalhos, entre os quais se destaca um show “mais ácido”, inspirado no *roast* norte-americano: intitulado *Fritada*, a brincadeira vai na contra mão do politicamente correto e faz uma “homenagem ao avesso” a celebridades nacionais. Ao final de uma série de piadas a seu respeito, o artista que foi “fritado” tem direito de resposta - momento alto do show, por se tratar da “hora do troco”.

Em *Não me Cobre Coerência*, o curitibano inclusive fala do dilema que o politicamente correto coloca diante dos shows de comédia. “O humor é, em sua essência, meio ácido - a piada é exagero, descontração não é feita para ser ‘boazinha’. Tem momentos que realmente se acaba assumidamente focando em um alvo, geralmente os políticos”, pontua. “Neste espetáculo que estou levando para Porto Alegre, por exemplo, tem uma piada sobre advogados... Eu sempre pergunto se tem um na plateia”, brinca o artista. “Mas, na contramão, falo de transfobia, gordofobia e bullying, assumindo que o mundo mudou - e como é para um cara como

eu, que já passou dos 50 anos, se adaptar à realidade”, pondera.

Antes de desembarcar na Capital, Portugal passou com *Não me Cobre Coerência* por Florianópolis, onde a receptividade do público “foi excelente”, segundo ele. O show também está em cartaz há um ano na Comedy Sampa Club de São Paulo. Em outubro, o artista volta ao Rio Grande do Sul para apresentar o atual repertório em Lajeado. Ele comenta que, inclusive, o local onde ocorrem as sessões vira pauta dentro do espetáculo. “Antes de viajar, eu sempre procuro pesquisar e estudar sobre a história de cada cidade, para poder falar um pouco sobre o lugar durante o show”.

O comediante emenda que a ideia é que os assuntos não tenham qualquer conexão, o que justifica o título do espetáculo. “É um show legal, porque, além de conter muito improviso eu também levo temas diversos. Há um texto sobre a minha filha e outro sobre minha cachorrinha, também sobre o início da minha carreira, a trajetória na comédia, sobre estar mais maduro, sobre o pós-pandemia, a tecnologia (inteligência artificial, Uber,

grupos de WhatsApp), relacionamentos, e mais um monte de coisas”, resume.

Organizador do Risorama (maior festival de humor da América do Sul) e curador do Risadaria (maior festival de humor de São Paulo), Portugal - que se destaca também por incentivar o trabalho de novos comediantes - contou à reportagem como iniciou no gênero. “Eu trabalhava com publicidade e tinha uma produtora de áudio, que começou a se destacar pelo conteúdo bem humorado dos trabalhos. Foi assim que percebi que este era meu caminho”, comenta o artista. “Isso foi lá por 1997, mesma época em que o Jair Kobe (conhecido como o Guri de Uruguaiana) estava começando. Aliás, somos muito amigos.”

Ao afirmar que sempre gostou de comédia, Portugal cita diversas outras referências gaúchas, a exemplo do grupo humorístico Os Discocuecas. “Eu tinha um disco deles. Também era fã do pessoal do Terça Insana, espetáculo que contava com uma gauchada no elenco e foi o ponto de virada da comédia nacional, uma grande revolução”, destaca o humorista.

Em 2004, já trabalhando com

comédia, ele foi para São Paulo incentivado pela gaúcha Grace Gianoukas. “Eu nunca fui do elenco fixo, mas participei do Terça Insana algumas vezes, como convidado. A Grace me deu chance numa época que eu precisava sair de Curitiba. Foi quando eu conheci ela, o Marcelo Médici, a Ilana Kaplan, a Ângela Dip... Eu peguei essa onda, esse marco de virada da comédia, e a partir daí me encontrei no formato *stand up comedy*”

Citando ainda referências internacionais, como os comediantes Jerry Seinfeld, George Carlin e Bill Burr, além do fotógrafo pop David LaChapelle, o curitibano faz novamente uma análise sobre o gênero. “A comédia é baseada em algumas premissas: uma é você tentar achar uma observação em algo que se vê todo dia, mas achar uma diferença. Uma boa piada é aquela que, matematicamente, tem um desfecho que ninguém estava esperando. E, no meu caso, gosto mesmo de piada raiz, sem necessidade de lacrar.” A fórmula funciona. Não à toa, o artista é, além de difusor, um dos grandes nomes do *stand up comedy* brasileiro.